

Editorial: *Deleuze, a clínica e a política*

Neste 2015, em que comemoramos noventa anos de nascimento e vinte anos de morte de Gilles Deleuze (1925-1995), a *Revista Trágica* homenageia o filósofo com três números temáticos dedicados ao seu pensamento.

O primeiro número, que trazemos agora a público, chama-se *Deleuze, a clínica e a política*, e reúne autores de diversas disciplinas e de nacionalidades variadas, o que deixa em evidência o alcance da filosofia (prática) de Deleuze.

O psicanalista e professor Joel Birman abre o número com um artigo, em que estabelece uma comparação entre as leituras de Gilles Deleuze e Michel Foucault a respeito da lei e da norma, e dos deslocamentos que essas noções sofreram e imprimiram no corpo social ao longo da história. Emma Ingala Gómez apresenta um minucioso estudo sobre as imagens na filosofia de Deleuze e explicita o uso estratégico que o autor faz destas, levando a consequências políticas distintas. Fabrice Jambois segue os passos de Deleuze e Guattari em sua abordagem sobre a pulsão de morte, buscando sublinhar um certo hegelianismo implícito em Deleuze, que coexistiria com o anti-hegelianismo anunciado. Cristina Rauter articula os campos da ética, da arte e da política, num esforço para constituir uma clínica transdisciplinar que se dê nesse interstício e adote as multiplicidades, entendidas em uma perspectiva spinozista e deleuziana, como matéria própria do fazer clínico. Marlon Miguel nos convida a explorar os mapas de Fernand Déligny, uma das mais fortes inspirações para a noção deleuzo-guattariana de *cartografia*, de grande importância clínica e política. Carlos Augusto Peixoto Jr. dedica o seu artigo a *Bartleby, o escrivão*, de Melville, para contestar certa leitura que reduz esta personagem a uma suposta impotência, e contrapor a esta interpretação a valorização da potência de Bartleby, destacada, de maneiras diferentes, por Deleuze e Agamben. Enfim, no último artigo, Tatiana Roque traça o percurso de construção do conceito deleuziano de *diagrama*, trazendo elementos da matemática e da semiótica para sua compreensão, e extraindo as consequências políticas de uma ação diagramática.

Encerrando a edição, Paulo Domenech Oneto entrevista Ronald Bogue, que traz observações sobre a recepção da filosofia de Deleuze em terras norte-americanas, e Mariana de Toledo Barbosa traduz o inesgotável texto político de Deleuze e Guattari, "Mai 68 n'a pas eu lieu".

Ainda não sabemos se o século será deleuziano, como anunciava a famosa frase de Foucault, mas em nossa *Revista*, este ano certamente será deleuziano!

Mariana de Toledo Barbosa e Paulo Domenech Oneto
Editores convidados